

# OMITIR É ESQUECER: O ATUAL SILENCIAMENTO DA POLÔNIA SOBRE FATOS HISTÓRICOS DO HOLOCAUSTO

*TO OMIT IS TO FORGET: POLAND'S CURRENT SILENCING ON HISTORICAL FACTS OF  
THE HOLOCAUST*

**Arielly Né de Almeida**

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: ariellyalmeida89@gmail.com

**Carlos Eduardo Silva do Nascimento**

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: carlosesnasc@gmail.com

**Victor Luccas Maffei Costa**

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: maffeivluccas@gmail.com

**Douglas Verbicaro Soares**

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: douglas\_verbicaro@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v3i3.139>

Recebido em: 08.07.2022

Aceito em: 20.09.2022

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo o estudo de um caso ocorrido em fevereiro deste ano, em que órgãos ultranacionalistas e ligados ao governo da Polônia apoiaram a censura de parte de um ensaio sobre a participação de poloneses na caça e extermínio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, entende-se que os meios utilizados contra historiadores do Holocausto na Polônia vão em desencontro à ética e aos valores morais, pois jogam às sombras fatos históricos que não podem ser reescritos. Nesse sentido, o trabalho alerta para a necessidade de visibilização da história para coibir a reincidência de práticas discriminatórias na atualidade, em especial frente ao avanço de clamores extremistas e excludentes de certos grupos pelo mundo.

**Palavras-chave:** História. Sensibilização. Direitos Humanos. Guerra.

**Abstract:** This article aims to study a case that occurred in February of this year, in which ultranationalist and government-linked bodies of Poland supported the censorship of part of an essay on the participation of Poles in the hunting and extermination of Jews during World War II. Through bibliographical research, it is understood that the means used against Holocaust historians in Poland go against ethics and moral values, because they throw away historical facts that cannot be rewritten. In this sense, the work warns of the need to visualize history to curb the recurrence of discriminatory practices today, especially in the face of the advance of extremist and exclusionary cries from certain groups around the world.

**Keywords:** History. Sensitization. Human rights. War.



## 1 Introdução

Não é segredo que movimentos ultranacionalistas têm como um de seus principais objetivos reescrever a história. Seja no Brasil ou em qualquer parte do mundo, exemplos de variados grupos e governos que buscam ocultar a trajetória de seus países diversos fatos sombrios que os levaram até o momento atual. Na Polônia, país que é conhecido por ter acolhido muitos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, historiadores têm vindo a público com um fato curioso: “o de que não foi bem assim”.

O ensaio de 1.600 páginas intitulado “Noite Sem Fim: O Destino de Judeus em Determinados Condados da Polônia Ocupada”, organizado por dois pesquisadores, Jan Grabowski e Barbara Engelking, que demonstra que pequenas cidades polonesas eram armadilhas mortais para os judeus que buscavam abrigos durante a Segunda Guerra, sofreu com a grande repercussão que teve. O Estado polonês e grupos ultranacionalistas ligados a ele tentaram silenciar o trabalho e punir os envolvidos (THE GUARDIAN, 2021).

O ocorrido, cujo estudo é o objetivo deste trabalho, levanta uma série de questões: há assuntos que não devem ser de maneira alguma abordados em prol da manutenção da imagem de uma nação? Estudos e pesquisas podem ser prejudicados para que a história como se conhecia até então seja mantida? Os princípios da liberdade de imprensa e de pesquisa são afetados por esse tipo de ação? É ético o que o governo polonês tenta fazer? É moral?

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, que buscou em sites especializados sobre a comunidade judaica e, também, em jornais e revistas eletrônicos as informações necessárias para que o caso pudesse ser visto por inteiro, busca-se responder a todas essas perguntas.

Foto 1: Libertação dos prisioneiros do campo de concentração nazista de Auschwitz, 1945.



Fonte: G1, 2020.

“Ocultar as cicatrizes não apaga as feridas.”

## 2 Explicitação do caso

Em fevereiro deste ano, dois renomados pesquisadores foram condenados a retificar um parágrafo de um ensaio de 1.600 páginas intitulado “Noite Sem Fim: O Destino de Judeus em

Determinados Condados da Polônia Ocupada”, publicado em 2018 pelo Centro Polonês de Pesquisa do Holocausto, localizado em Varsóvia, Polônia (THE GUARDIAN, 2021).

Os pesquisadores são Jan Gabrowski, professor da Universidade de Ottawa e estudioso do Holocausto, e Barbara Engelking, diretora do Centro Polonês de Pesquisa do Holocausto. O ensaio, cuja tradução para a língua inglesa ainda não está pronta, possui dois volumes e se desdobra em nove capítulos, cada um deles cobrindo um determinado condado da Polônia ocupada pela Alemanha, durante os anos de 1939 a 1945 (THE GUARDIAN, 2021).

Foto 2: Jan Gabrowski, professor de história e filho de um sobrevivente do Holocausto, 2021.



Fonte: El País, 2021.

O estudo afirma que pequenas cidades polonesas eram lugares especialmente perigosos para judeus se esconderem durante o período da Segunda Guerra Mundial, sendo tais locais chamados pelos pesquisadores de “armadilhas mortais” (JEWISH TELEGRAPHIC AGENCY, 2018).

Seguindo essa linha, os pesquisadores afirmavam que Edward Malinowski, o então prefeito do povoado de Malinowo, localizado no condado de Bieslki, noroeste da Polônia, entregou judeus escondidos em um bosque a ocupantes nazistas e roubou uma mulher judia a quem havia resgatado. Por conta disso, a sobrinha de Edward, Filomena Leszczynska, hoje uma senhora de 81 anos, denunciou os pesquisadores (EL PAÍS, 2021).

Em um caso amplamente criticado por institutos históricos e centros de pesquisa, e descrito por Grabowski como uma investida do Estado polonês contra a liberdade de pesquisa, os dois autores foram condenados a escrever um pedido de desculpas para Filomena, a publicar uma declaração no site do Centro de Pesquisa do Holocausto e a retificar a passagem que cita Edward Leszczynska em qualquer futura edição que houver do ensaio. Apesar da acusação pedir que os pesquisadores pagassem o equivalente a quase 149 mil reais, o pedido não foi acatado pela juíza (THE GUARDIAN, 2021).

Filomena Leszczynska viu-se apoiada por órgãos próximos ao governo ultranacionalista polonês, este comandado pelo partido Lei e Justiça (PiS), como a Liga Polonesa contra a Difamação e o Instituto Nacional da Memória. A Liga Polonesa contra a Difamação entendeu que os pesquisadores haviam contaminado o nome de um homem que até então era considerado

um herói polonês, e, por conta disso, haviam também ferido a dignidade e o orgulho de todos os poloneses (THE GUARDIAN, 2021).

Em sua acusação, Filomena baseou-se em uma lei criada pelo atual governo em 2018, que condena os “insultos públicos à nação polonesa”, tornando ilegal acusar falsamente o Estado e a nação polonesas de crimes relacionados ao Holocausto. Tal lei, a chamada Emenda de 2018 à Lei do Instituto da Memória Nacional, apesar de atenuada após protestos e conflitos diplomáticos, permanece em vigor (EL PAÍS, 2021).

Na mesma época, a jornalista polonesa Katarzyna Markusz foi questionada pela polícia por ser suspeita de “caluniar a nação polonesa”, crime com uma pena de até três anos de prisão, por ter escrito que a “participação polonesa no Holocausto é um fato histórico” e que havia uma grande aversão aos judeus na Polônia antes da Segunda Guerra Mundial, ao comentar sobre o caso de Filomena Leszczynska contra os pesquisadores (THE GUARDIAN, 2021).

O governo polonês negou qualquer envolvimento no caso e dias depois as acusações foram retiradas contra a jornalista, por conta de os promotores não terem encontrado nenhuma evidência de que a mesma teria infringido a lei. Katarzyna se pronunciou sobre o caso, expondo que as acusações serem retiradas era a única decisão lógica a ser feita, pois a mesma não havia escrito no jornal *Krytyka Polityczna* nada além de fatos (AP NEWS, 2021).

A Polônia é um dos países que mais carrega sequelas da Segunda Guerra Mundial, tendo sofrido bastante com a invasão alemã e com o extermínio do povo judeu. Mais de seis milhões de poloneses, incluindo três milhões de judeus, foram mortos durante a ocupação alemã, que ocorreu de 1939 a 1945. Durante este período, muitos poloneses demonstraram grandes atos de coragem ao resgatar e esconder judeus dos olhares nazistas, porém muitos também contribuíram com o regime ao entregar, perseguir e matar judeus (THE GUARDIAN, 2021).

É um fato histórico, e inclusive foi o enfoque da pesquisa de Grabowski e Engelking, a colaboração de poloneses com o regime nazista, não em campos de extermínio, mas em guetos, fuzilamentos, linchamentos e, como é mostrado no ensaio dos pesquisadores, em pequenas cidades (EL PAÍS, 2021).

Foto 3: Judeus poloneses no Gueto de Varsóvia, 1943.



O problema ocorre com o fato de, no século XXI, alguém ser julgado ou interrogado simplesmente por afirmar um fato histórico. A ofensiva ultranacionalista contra pesquisas nesse sentido ocorre desde 2001, quando houve represálias ao livro “Vizinhos”, de Jan Tomasz Gross, que relatava o pogrom de Jedwabne, que descobriu-se ter sido cometido pelos moradores católicos da cidade, e não por nazistas (EL PAÍS, 2021).

Enquanto mais de seis mil poloneses são reconhecidos por Israel por terem arriscado as suas vidas para salvar a de judeus, e o governo polonês conduz campanhas e celebrações nesse sentido, é notório que a história não pode ser apagada ou reescrita. Centenas de milhares de judeus foram assassinados por poloneses, e fatos como o silenciamento da pesquisa de Grabowski e Engelking, e a edição da Emenda de 2018 à Lei do Instituto da Memória Nacional, não podem ser vistos como naturais (JEWISH TELEGRAPHIC AGENCY, 2018).

### **3 O encobrimento de fatos históricos na Polônia sob uma perspectiva ética e moral**

Diante do caso narrado, é inevitável levantar um debate crítico-reflexivo em torno de todos os acontecimentos relatados sob uma perspectiva da ética e da moral. Compreende-se a ética – *ethos*, do grego – como um termo referente às normas baseadas em valores e justiça social; e que a moral – *mos*, do latim – estabelece normas decorrentes de costumes e hábitos. Os dois termos, apesar de distintos em seu conceito etimológico, perfazem o conjunto de regras, socialmente legítimas, de comportamento a serem adotados (ABBAGNANO, 2003).

A história da Polônia no cenário da Segunda Guerra levanta muitos debates sobre a postura adotada pelo Estado polonês, que foi invadido pela Alemanha Nazista e foi severamente abalado pelas milhões de mortes em seu território. Os estudiosos entram em consenso sobre as vidas polonesas que se sacrificaram e tornaram-se grandes heróis ajudando os judeus perseguidos, bem como entram em consenso ao narrar as histórias de outros muitos poloneses que colaboraram com o martírio nas ocupações nazistas, auxiliando no envio de judeus às bases alemãs (EL PAÍS, 2021).

Os historiadores, ao relatarem o caso da cidade polonesa Malinowo, demonstram os assombrosos fatos ocultos que contornaram a guerra. Os assombrosos fatos que foram e são negados pelo governo polonês. Os fatos pertencem à história, mas esses também pertencem a um governo ultranacionalista que, por um texto legal e a construção de uma norma ética própria e construída para seu próprio bem-estar, tenta reescrever algo que já foi muito bem escrito (EL PAÍS, 2021).

A tentativa falha do Estado polonês em acobertar um lado sombrio de muitos de seus habitantes face à perseguição sofrida pelo povo judeu, num período histórico que requer tantos estudos e informação, demonstra a profunda fratura ética e moral que permeia o poder e as leis da nação. A moral decorre do ser humano, seus princípios e hábitos, porém torna-se socialmente ilegítima quando utilizada de forma que prejudique outrem. As atitudes polonesas prejudicam o avanço da pesquisa e, conseqüentemente, prejudicam a sociedade (EL PAÍS, 2021).

O apontamento das pesquisas sobre a participação do Estado polonês na perseguição dos judeus requereria um comportamento ético em reconhecer as verdades relatadas e demonstrar

mudanças em seus valores políticos dos anos 40 até a atualidade, e assim, a Polônia contribuiria amplamente com a história e reverenciaria a memória das vidas judias perdidas. Entretanto, as políticas internas do país caminharam em direção oposta ao condenar os historiadores a retificarem seus relatos.

Diante de tais acontecimentos, a pesquisadora especialista na negação do Holocausto, a norte-americana Deborah E. Lipstadt escreveu em sua conta do Twitter que “a Polônia se dedica a negar o Holocausto de forma suave. Não nega o genocídio. Só reescreve o papel de alguns poloneses nele (...) e castiga os historiadores que dizem a verdade” (EL PAÍS, 2021). A afirmação da especialista revela um importante ponto do presente caso, os fatos ocorreram, e negá-los ou ocultá-los não fará tais fatos deixarem de ter acontecido. A história é uma área de conhecimento essencial para a vida humana, e prejudicar a história é prejudicar muito mais que o avanço da sua pesquisa, mas também prejudicar o avanço social de sua população.

Foto 4: Deportação de judeus do Gueto de Varsóvia, 1943.



Fonte: The Guardian, 2021.

Como mencionado, a postura ultranacionalista da nação polonesa já tinha levantado muitos debates quando, em 2001, o Estado foi contra a publicação do livro de Jan Tomasz Gross, o qual abordava os casos de perseguição e agressão de judeus por cidadãos poloneses em 1941. Os fatos reconhecidos historicamente continuam sendo veementes negados e encobertos pelo país que, em 2018, aprovou a lei que condena aqueles que cometem “insultos à nação polonesa” (EL PAÍS, 2021).

A postura lamentável do país que teve quase todos os seus 3,2 milhões de judeus mortos durante a Segunda Guerra – vítimas do Holocausto e durante a ocupação nazista – e, ainda, abrigou o maior campo de extermínio nazista, em Auschwitz, no qual foram assassinados cerca de 1,2 milhão de prisioneiros, sendo a maioria judeus, dissolve seus valores morais, além de condenar o avanço da pesquisa e da história (DW, 2021).

Visto por Engelking como um esforço para mostrar aos pesquisadores que há questões que não devem ser abordadas, a decisão da juíza no presente caso levanta ainda mais debates em torno do país que nega princípios e direitos para favorecer a sua própria imagem, pois, além de prejudicar os estudos e pesquisas, o governo polonês também vai em desencontro ao princípio

da liberdade de imprensa e pesquisa (DW, 2021).

Foto 5 Deportação para Auschwitz, 1944.



Fonte: DW, 2021.

O texto legal supramencionado, notoriamente criado para legitimar todas as decisões autoritárias do país, traz preocupações. A postura antiética da Polônia em querer reescrever e acobertar um fato histórico comprovado para sobrepôr uma imagem favorável de si mesma, agora é então “legitimada” com a criação de uma norma, a qual é utilizada sempre que o Estado se sentir ameaçado, mesmo que isso exija rachar a verdade.

Negar os valores morais e éticos e reescrever seus “próprios princípios e valores” é um caso já conhecido ao longo da história em vários lugares do mundo. Esse comportamento que confere autoridade ao governo até mesmo sobre a história, transparece ainda mais os perigos do ultranacionalismo, sua raiz antiética e suas consequências sombrias.

## Considerações finais

É universal dizer que o Holocausto deixou cicatrizes profundas na história da humanidade e, principalmente, dos grupos e povos que foram vítimas de repressão durante a época. Nada no mundo fará com que essa marca diminua, ou fará com que esqueçamos tais fatos brutais. O valor da história está exatamente nessas entrelinhas: devemos aprender a história da forma como realmente aconteceu para que esta não seja repetida jamais.

O Holocausto foi uma das maiores tragédias ocorridas no mundo, então é necessário que entendamos o que levou isso acontecer para que não se repita. Por isso, não se deve ocultar ou omitir os agentes responsáveis e aqueles que auxiliaram para que esse massacre discriminatório acontecesse. Esconder fatos históricos vai contra a ética e a moral, que sempre estão juntas pela verdade e pela justiça. As vítimas do Holocausto merecem ter suas histórias contadas de maneira justa. As vítimas e seus descendentes merecem que saibamos quem causou, direta ou indiretamente, as suas dores.

O princípio regente do Direito ocidental, o princípio da dignidade da pessoa humana, é fator primordial da ética e da moral, e, nesse sentido, não é ética a atitude de omitir fatos históricos essenciais para o respeito e a identidade de um povo, apenas por visar a boa impressão do governo e da política de seu país, como foi no caso da Polônia.

Por isso, é necessário que os líderes e organizações ultranacionalistas da Polônia se espelhem em Estados e instituições que reconheceram a sua culpa presente em algum momento histórico de perseguição e massacre, assim como a Igreja Católica reconheceu grandes erros cometidos durante a Idade Média e se desculpa por tais até hoje.

Mas isso vai além de um reconhecimento, devido ao fato de os ultranacionalistas tentarem camuflar a história e criminalizar os historiadores que dedicaram as suas vidas às pesquisas e tiveram seus trabalhos injuriados e desacreditados. Fazendo isso, a ética profissional dos pesquisadores foi questionada quando, na verdade, isso não deveria acontecer.

Apontar um fato dado como verídico e depois ser acusado de espalhar inverdades apenas por manipulação de grupos ligados ao Estado vai contra os valores morais e à ética, que defendem o relato real da história para que seus estudos se perpetuem.

Destarte, conclui-se este artigo destacando a importância da ética e da moral nesse caso, que não permitiram que a totalidade dos fatos acontecidos durante a ocupação alemã na Polônia fosse omitida em pleno século XXI, uma época em que o acesso à informação é mais democratizado do que nunca e que abomina qualquer tipo de censura intelectual que visa contar a história de maneira distorcida. Porém, espera-se que atitudes como as que foram tomadas por grupos ultranacionalistas ligados ao Estado polonês, atitudes estas que encontram similitudes ao redor do globo, sejam cada vez mais raras.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2ª tiragem. SP: Martins Fontes (2003). Acesso em: 31 mar. 2022.

ALTARES, Guillermo. Governo ultranacionalista da Polônia aperta o cerco contra os historiadores do Holocausto. El País, Madri, 11 fev. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-11/governo-ultranacionalista-da-polonia-aperta-o-cerco-contra-os-historiadores-do-holocausto.html?ssm=whatsapp>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

AUTORES condenados a se desculpar por livro sobre Holocausto. DW, 09 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/autores-condenados-a-se-desculpar-por-livro-sobre-holocausto/a-56516297>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

EASTON, Adam. Polish court tells two Holocaust historians to apologize. BBC, 9 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-55996291>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

FEARS rise that Polish libel trial could threaten future Holocaust research. The Guardian, 3 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2021/feb/03/fears-rise-that-polish-libel-trial-could-threaten-future-holocaust-research>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

HENLEY, Jon. Fears for Polish Holocaust research as historians ordered to apologize. *The Guardian*, 9 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2021/feb/09/fears-polish-holocaust-research-historians-ordered-apologise>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

OBJETOS escondidos por prisioneiros são descobertos em Auschwitz. DW, 20 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/objetos-escondidos-por-prisioneiros-s%C3%A3o-descobertos-em-auschwitz/a-53515373>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

POLAND drops Holocaust speech case against journalist. AP News, 23 fev. 2021. Disponível em: <<https://apnews.com/article/poland-warsaw-journalists-the-holocaust-0fa91415171f91394bb6838ac750e52d>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

STUDY says Polish neighbors betrayed many more Jews than previously thought. Jewish Telegraphic Agency, 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.jta.org/2018/05/11/global/poles-helped-kill-jews-hiding-nazis-study-claims>>.

VEJA imagens da libertação de Auschwitz há 75 anos. G1, 27 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/27/veja-imagens-da-libertacao-de-auschwitz-ha-75-anos.ghtml>>. Acesso em: 31 mar. 2022.